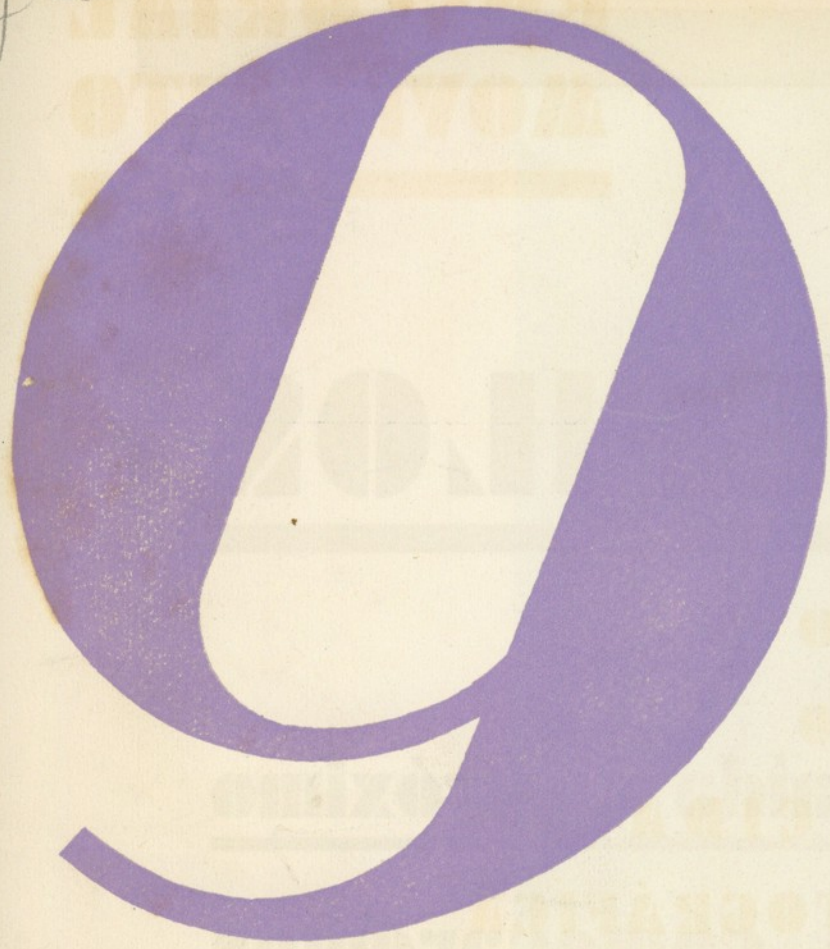


74

11

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento


QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$5



CINÉFILOS

com a saída do próximo
número começaremos
a distribuição dos bilhe-
tes para a nossa festa.





A frescura e o bom gosto são tão
precisos às mulheres como às casas...

Pinte a sua casa com

MURALINE

TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO



Agradecida pela escolha do seu nome para marca de uma notável qualidade de meias, Jeannette Mac Donald envia o seu retrato autografado à

RAINHA DAS MEIAS

Esquina das
Ruas
Santa Catarina e Formosa

PORTO

O MUNDO DO CINEMA

Quero bem crer que a condição essencial para entrar no mundo do cinema é convivê-lo; mas não é fácil obter essa convivência, por muito cinéfilos que nos suponhamos.

O cinema constitui o mundo totalmente diferente do mundo doméstico e quotidiano em que nascemos e ao qual nos habituamos; e para nos libertarmos dos pequeninos prejuízos do mundo em que nascemos é necessário um singular esforço de compreensão para o qual nem sempre se consegue disposição e sobretudo coragem, apesar de toda a boa-vontade.

O mundo do cinema está na mobilidade do precipitado e furtivo mundo de cinza do instinto e da vertigem e sortilégio dos seus complexos mais subtis e frustes — é um mundo de simultaneidade, singular e múltiplo, deslocando-se numa constante embriaguez de imagens e sons, directamente captados da mais discreta intimidade da vida imediata, com todo o seu dinamismo e com todo o seu drama. Para entrar num mundo destes, é necessário sujeitarmo-nos a provas idênticas, senão reforçadas, às quais tem de sujeitar-se quem se dedica, de-certo, à aviação, por exemplo. Precisa de ter a compleição dum alpinista: ser por completo estranho ao mal das montanhas e não sofrer de vertigens. É necessário ser lúcido no estonteamento, simples na confusão, tranqüilo no tumulto e sobretudo ter asas suficientemente fortes para vencer os abismos.

Ora, não é usando as pernas à Marlène ou o bigodinho à Douglas que nós conseguimos ser perfeitos cinéfilos, exactamente pela mesma razão que não é por escrever meia dúzia de baboseiras na respectiva secção, por exemplo, do «Comércio do Pôrto», que se consegue ser crítico de cinema, nem cevando o despeito e a inveja em fôlhas volantes *semanais* compensadoras do anonimato dum jornalismo mercenário, que se prova ter muito talento jornalístico.

A coisa fia mais fino.

Sobretudo, é necessário despirmo-nos de literatura: não do *estilo* que é a expressão de toda a arte e que bem pode ser a mesma em qualquer das suas manifestações desde a arquitectura à música ou ao próprio cinema; mas daquilo que significa o mesmo carácter da literatura, isto é, o que nela ha de discursivo, de retórico, ou de explicativo.

Assim, certas belas construções da moderna arquitectura alemã, por exemplo, nos fazem sugerir a obra dum André Gide, a estatuária dum Bourdelle, os quadros dum João Batista Rousseau, a música dum Debussé e as realizações de Eisenstein, de Dziga-Vertov, de Stroheim ou mesmo dum Eric Pommer ou dum Pabst — o estilo permanece sensivelmente o mesmo em todas estas tão diversas manifestações de arte: uma simplicidade discreta aliada a uma natural concisão e a um estremecimento de serena embora profunda humanidade. A educação literária perfeita e consciente, vasada nas mais claras e mais subtis expressões da nossa sensibilidade, deve ser, quanto a mim, condição essencial para um bom realizador de cinema. O grande defeito mesmo dum Fritz Lang está aí, apesar de todo o patético dos seus filmes, enquanto que um René Clair será sempre um grande temperamento de artista apesar da aparente banalidade das suas deliciosas realizações. Embora sem procurar largos efeitos dramáticos, antes repassados daquela frivolidade tão própria francesa, têm mais beleza intrínseca os «Sob os telhados de Paris», o «14 de Julho» e sobretudo o «Milhão», do que o «Testamento do Dr. Mabuse» e porventura até o «Matou», apesar do estranho arripio de angústia e ansiedade opressa que trespassa este filme.

Os processos de realização literária confundem-se com os de realização cinematográfica, comprometendo-se mutuamente. O movimento, característica fundamental do cinema, submetido à discursividade da literatura — é um movimento retórico, se nos é permitida a expressão: não é um movimento bergsonista, isto é, *animado* no sentido etimológico do termo, mas um movimento spenceriano proveniente dos efeitos mecânicos da inércia. Quere dizer: cinema assim, é a sua própria negação, porque é incaracterístico e estéril nos efeitos da sua manifestação. Este é o cinema americano na sua quasi totalidade; daí todo o equívoco, aliás desfeito já, da crítica acerba dum Duhamel, castigando o cinema por aquilo que ele, na verdade, não é.

Não, o cinema não é um divertimento de ilotas, um passatempo de iletrados, criaturas miseráveis, como quizera o autor das «Cenas da vida futura». O cinema não é, sábiamente envenenado, o alimento duma multidão que as potências de Moloch julgaram, condenaram e terminaram por aviltar. O movimento não é excessivo, porque o dinamismo do cinema é expressão da vida mesma que se nos revela no écran fortuita e rápida, tal qual se nos apresenta a nós próprios. A vida dissipa-se a nossos olhos quasi vertiginosamente e o cinema é, mais do que um feliz «caçador de imagens», um genial «caçador de instantes». Ele, o cinema, surpreende êsses instantes na sua beleza fundamental, embora efêmera, como nenhuma outra arte. O movimento é, pois, a grande virtude e conseqüentemente a grande vantagem que a humanidade do cinema oferece sobre a humanidade das outras artes. É costume dizer duma outra obra inferior de arte: — *não tem movimento*. Do cinema, por mau que seja, não se pode dizer tal.

Para viver o cinema, não basta ter assistido à exhibição dos filmes de todas as temporadas em todos os cinemas, saber de cór os nomes e a vida íntima de todos os seus realizadores e intérpretes, como para compreender a literatura dum povo não basta ler as obras-primas dessa literatura e a inevitável biografia dos respectivos autores, para entender de pintura não basta visitar o «Louvre», o «Prado» ou o «British Museum», e para sentir a música não basta ser sócio, por exemplo, do Orfeão Portuense, participando do snobismo da assistência aos seus seis concertos anuais. Tenho conhecimento de excelentes criaturas que têm praticado assiduamente todos êstes *desportos* (pois para elas não passam de outra coisa) e que são duma insensibilidade artística de causar calafrios.

Para viver o cinema, é preciso que nos identifiquemos com os seus processos de expressão; que nos reportemos, por assim dizer, ao papel de realizadores dos próprios filmes a cuja exhibição assistimos; que nos substituamos aos seus intérpretes no desempenho desses mesmos filmes; e por último, nos reportemos aos contrastes e às identificações desses filmes ainda, com o nosso modo de sentir e compreender a nossa vida, a vida toda no que ela nos oferece de sugestivo, de humano enfim. Para viver o cinema é preciso compreender a sua humanidade. Só então poderemos atingir o limiar deste novo mundo, mais do que qualquer outro, de incoercível e peregrina beleza.

l u i z g u e d e s

FRAGMENTO DE UMA CARTA

Da amabilíssima carta que Nita Brandão nos escreveu, damos hoje aos nossos leitores uma parte. Pena é que nos não seja possível publicá-la na íntegra, pelo que ela nos revelou de bom gosto, senso prático, cultura e inteligência.

Nita Brandão é filha do nosso Pôrto, onde começou a sua educação. Viveu longamente em Paris e encontra-se actualmente no Estoril gosando mercidamente alguns curtos dias de férias que o «Bloco H. da Costa» lhe concedeu.

É natural que Nita Brandão venha assistir à première de GADO BRAVO na sua terra. Assim o desejamos. E com esse nosso desejo um bocadinho egoísta, endereçamos-lhe ainda este outro, filho talvez da tristeza que nos trouxe o actual começo do melancólico inverno: que na Costa do Sol a acompanhe e a alegre, nos seus dias de férias, o lindo sol de Portugal que nos seus olhos se abriga.

Delicia-me a leitura da revista da minha terra «Movimento»; demais, encontro nela muitas vezes opiniões com que entusiásticamente concordo.

Acho, por exemplo, que teve muita razão em afirmar que os produtores de filmes não deviam ter a exclusiva preocupação do aspecto comercial do seu mistér, mas esforçarem-se por dar às suas produções valor artístico e pedagógico.

A meus olhos, está aí muito bem indicado o que devia ser o verdadeiro fim da arte cinematográfica.

O que receio, infelizmente, é que só em escala muito reduzida se possa, nas actuais condições da vida económica, visar tão belo objectivo.

A atenção voltada unicamente para o que o cinema pode encerrar de belo e nobre encontra grandes obstáculos na necessidade de procurar lucro. No regime económico actual é desgraçadamente ao lucro que sobretudo nos vemos forçados a atender.

Oxalá um dia, graças a uma estrutura social e económica mais justa, possa a humanidade ver-se liberta dessa pesadíssima preocupação!

Por isso tenho particularmente apreciado a atitude dos dirigentes do nosso «Bloco» que, lutando com estas dificuldades, se têm esforçado por dar ao «Gado Bravo» um sério alcance moral e artístico.

Quantas tardes se têm gasto já (e o tempo é dinheiro) a discutir um ponto que parece não enquadrar perfeitamente na harmonia do conjunto ou ser susceptível, talvez, de má interpretação!

Aplaudo, pois, a campanha do «Movimento» pelo domínio da preocupação artística e pedagógica na produção cinematográfica, e faço votos pelo seu êxito.

n i t a b r a n d ã o



A GRAÇA INGÉNUA DE NITA BRANDÃO, REPOUSA, NÃO É VERDADE?

CHARLOT

Há no mais perfeito e curioso romance de amor que tenho lido — o *Dernier Dieu* de Farrère — um capítulo particularmente profundo e emotivo. Refiro-me ao capítulo em que Carlos Eduardo Stuart, rei sem trôno, herói sem glória e amante abandonado, se debruça numa das pontes de Paris e, vendo correr a água lodosa e turva do Sena, compara êsse rio atropelado e vário com a vida atropelada e vária.

«La vie aussi coule, irrésistible, opaque, secrète et traîne les corps des vaincus, des corps sans nombre. Et les vivants peuvent pleurer mais tous doivent passer outre et continuer a vivre. C'est la règle du jeu...»

Estas palavras expressivas e amargas não me deixam a lembrança ao começar a escrever sobre Charlot. Porquê?

É um engano, Alberto Armando Pereira, meu querido amigo e camarada ilustre, afirmar-se que de nada servem, para escrever sobre cinema, os maiores ou menores conhecimentos literários do escrevinhador.

Os conhecimentos literários servem para tudo, ou seja escrever sobre cinema ou sobre pintura, ou seja mesmo — veja que frívola utilidade! — dirigir capciosas frases ao coração de uma linda mulher.

O meu amigo sabe-o por experiência própria com certeza, o que mais custa a escrever de um artigo são as primeiras frases. Depois a nossa inteligência e o nosso coração vão na onda, empurram-se a si próprios, e as palavras nascem espontaneamente. Pelo menos comigo assim acontece.

E foi a minha leitura consciente e deleitosa dos quasi trinta volumes do autor ilustre dessa «Batalha» que vamos ver no «écran» que que hoje ajudar-me a vencer esta dificuldade inicial de que lhe falo.

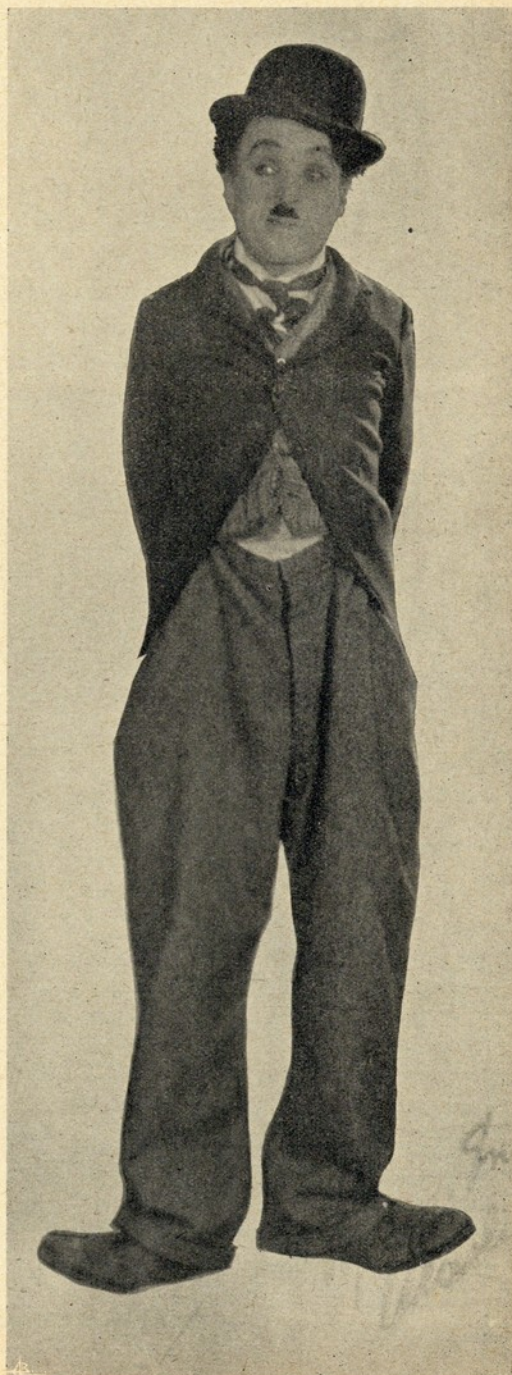
...La vie aussi coule, irrésistible, opaque, secrète... e eu vejo êsse final maravilhoso de amargura fatalista de «Charlot Peregrino» em que um pobre homem escorraçado e bom caminha entre dois países, sem saber se deverá inclinar-se para um, onde foi condenado e onde o espera a prisão, se deverá decidir-se pelo outro, onde se ouvem tiros e o espera talvez a morte. Não é bem a imagem da nossa infinita solidão dentro da vida, a visão dêsse homem, cuja silhueta negra se recorta no imenso fundo escuro que formam a planície deserta e o céu indiferente e longínquo? Não é bem a imagem miserável e triste de todos nós, os que subimos a encosta árdua da vida, para após descer a vertente escorregadia da morte, sem uma esperança, um abrigo ou um repouso?

Charlot é isto: «l'éternel pèlerin sur les routes amères du Monde», segundo a maravilhosa frase de Marcel Brion.

— *C'est horrible, dit le jeune homme.*

— *Non, dit le vieillard. C'est la vie.*

Claude Farrère.



Porque tudo o que de grande existe na intelectualidade dirigida às coisas do cinema, escreveu sobre Charlot.

René Clair disse dêle: «Cet homme est un miracle!» Lucien Wahl afirmou: «Charlot est miraculeux!» Léon Moussinac insistiu: «Le génie de Charlot est simplement miraculeux!».

Por mim, confesso com absoluta lealdade e com profunda tristeza não acreditar em milagres de qualquer espécie, dos homens, dos deuses, da ciência ou do amor. Creio, sim, no grande coração e na grande alma dêsse Charlot que começou a sua vida tristemente, amargamente, miseravelmente, e que é o único a dar-nos sempre, com infinita doçura e infinita verdade, a perfeita imagem dessa vida que foi a dele e é a de todos os desprotegidos, dolorosa, difícil e cruel...

Nietzsche, o grande filósofo alemão da amargura e do desespero exigia «Cria com o teu sangue!»

E Rodin, o grande, afirmava: «L'intelligence dessine, mais c'est le coeur qui modèle». Ora nenhum artista do écran nos mostra como Charlot a profunda veracidade artística de qualquer destas máximas. Os seus filmes são a resultante lógica do seu conhecimento dos homens e da sua dolorosa experiência da vida. E sempre se dirigem a êsse baixo instinto humano que nos faz ver motivo de gáudio e riso onde apenas devíamos ver motivo de piedade ou revolta.

A sua obra, sendo a expressão fiel da sua alma, é a única a mostrar-nos os poderosos e os ricos debaixo de um ângulo desfavorável, usando para isso de uma grande sinceridade e uma inegalável honestidade de processos, porque os factos que nos são apresentados poderiam perfeitamente dar-se, e, a darem-se, teriam exactamente o desenrolar e o desenlace que lhes é atribuído.

E isto é de incalculável valor, como coragem, como exemplo e até como prova de que não é por necessidade comercial mas sim por mera e reles política capitalista, que os filmes premeditadamente se esquecem de mostrar o que a vida é para a maioria — gleba escravizada e inculta — ou o que deveria ser para a totalidade — família fraternal e unida — para nos mostrarem apenas o que ela é para a minoria — elite parasitária e incapaz!

Enquanto a ideia de Classe, a ideia de Raça, a ideia mesmo de Pátria, são ideias restrictas, dirigidas apenas a um grupo, a ideia da Humanidade é uma ideia infinita, dirigida a tudo o que nasce e morre, tudo o que vive e sofre, ou seja homem, ou seja planta, ou seja ave!

Isto nos mostra Charlot, por detraz da sua pantomima simultaneamente cómica e trágica.

Daí o seu inatingível poder emocional e o sucesso universal dos seus filmes. Porque, se a multidão se limita a rir com as desgraças e as infelicidades daquêle pequenino homem ridículo, escorraçado e de tam grande e fraternal coração, aqueles raros a quem a Verdade interessa mais do que a sua aparência, encaram-no com um respeito quási sagrado.

De Charlot dizia Henry Poulaille: «Charlot ne peut pas être comparé avec Buster Keaton ou Harold Lloyd, parce qu'il vit d'une autre vie et dans un autre univers».

E é bem assim!

Enquanto os filmes de qualquer outro cómico possuem um «cenarista» um «découpeur», um realizador; enquanto os outros se limitam a compor um tipo e, dentro dêsse tipo, a interpretar um papel, Charlot apresenta-nos a vida absolutamente quotidiana de um ser perfeitamente normal, perfeitamente equilibrado, perfeitamente admissível e que decerto existe ou seja nos bairros miseráveis de Chicago ou nos de Londres ou nos de Hamburgo. E isto, *creando* enquanto os outros *interpretam* apenas. Daí o não podermos conceder a qualquer cómico mais do que *talento* quando a Charlot somos obrigados a conceder *génio*.

Charlot compreendeu que os homens são fundamentalmente maus e cruéis. E é a êsse fundamento oculto que se dirigem os seus filmes.

Assim como nas nossas aldeias e sem saber que o não devem fazer os garotos esganam os pássaros nos ninhos e untam com petróleo os gatos vândios para depois lhes lançar fogo — isto não é blague, eu vi! — assim é vulgar nestas ruas do nosso Porto «soi-disant» civilizado ver-se meia dúzia de pessoas troçar um doído, sem que ninguém se desvie do seu caminho para o impedir.

Charlot conhece a indole dos homens. E o sêgrêdo maravilhoso do seu valor, reside em duas coisas infinitamente simples e, simultaneamente, infinitamente raras: a sua sinceridade e a sua fé. O Charlot milionário não esqueceu ainda o Charlot faminto. Filho do povo, tem fé no povo. Saído da multidão miserável, conhece a multidão e conhece a miséria. E enquanto existir esta lembrança e a sinceridade cristalina que faz de cada um dos seus filmes uma parcela da verdade pura que se alberga no seu coração generoso, a arte de Charlot não diminuirá, nem poderá sem sacrilégio ser comparada com a de qualquer outro cómico do écran. Isto porque o seu alto génio de artista outra coisa não é senão a consequência lógica da sua profunda piedade de homem...

Quando Charlot um dia desapareça da vida, do écran desaparecerá para sempre a verdadeira expressão da crueldade, da injustiça, da fome, do desespero, de tôdas essas coisas banais e quotidianas, que, sendo o verdadeiro fundo de tôda a tragédia humana, são, consequentemente, o verdadeiro fundo de tôda a tragédia artística.

E Charlot nem sequer terá lucrado a simples justiça de ser Êle, enquanto os outros são, apenas, Pamplinas, Harold, Slim & C.^ª...

armando vieira pinto



BRIGITTE HELM!
BRIGITTE HELM!
ASSIM NOS APA-
RECE EM «UMA DE
NÓS» DA «COMPA-
NHIA CINEMATO-
GRÁFICA DE POR-
TUGAL.

VALA COMUM

DEPOIS DA MORTE DO SAUDOSO E BRILHANTE ESCRITOR ANDRÉ BRUN, CONFUNDE-SE DEPLORAVELMENTE NO NOSSO PAIZ O SIGNIFICADO DA PALAVRA «GRAÇA» COM O SIGNIFICADO DA PALAVRA «PÓRCARIA». DISSO DÃO PROVA EVIDENTE AS FOLHAS PSEUDO-HUMORISTICAS DO NOSSO BURGO QUE PASSAM A VIDA, COITADOS, A METER-SE COMNOSCO. NÃO PODEMOS, POR UMA QUESTÃO DE HIGIENE DAR-LHES A ACEITAÇÃO DA RESPOSTA.

QUE VÃO VIVENDO COM A GRAÇA DE DEUS E A QUE NÃO TÊM.

*

«Movimento» agradece a Nita Brandão as suas palavras amáveis e felicita os seus leitores pelo prazer que lhes dará a leitura do pequenino artigo daquela nossa patricia, rapariga culta, de bom gosto, e Artista a quem o cinema nacional reservará, por certo, um dos seus mais altos lugares.

*

Na sua conferência da série promovida por «Movimento», sob o tema «Nacionalismo cinematográfico», alongou-se o nosso camarada Vasco Rodrigues, talvez excessivamente, sobre o aspecto geral das doutrinas nacionalistas que defende. Pretendia este nosso amigo filiar nelas, aliás sem o menor intuito político, as suas idéas sobre nacionalismo cinematográfico. No calor do improvisado, porém e tendo desenvolvido demasiado a primeira parte do seu trabalho, o pouco tempo de que dispunha forçou-o a tratar muito resumidamente do aspecto puramente cinematográfico do assunto. Este inconveniente poderia ter dado a impressão de que o nosso camarada aproveitara o ensejo para fazer propaganda das suas idéas políticas. Essa hipótese, não pode, no entanto, ser admitida por quem conheça o carácter e a correção deste nosso colega, que sabe muito bem, de mais a mais, que os seus camaradas do «Movimento» possuem idéas e pontos de vista inteiramente diferentes dos seus. Na série dos cadernos publicará Vasco Rodrigues a sua conferência na íntegra, isto é, tal como a teria pronunciado ao microfone se dispusesse para isso do tempo necessário.

*

GUERRA DAS VALSAS, de que nas nossas páginas centrais damos fotografias, é um filme que o São-João exibirá e que acaba de obter em Berlim, no «Ufa-Palace» um retumbante sucesso. A imprensa estrangeira da especialidade, entre a qual destacamos sempre as opiniões criteriosas e desempoeiradas de «Pour vous» e «Cinématographie Française» classifica «Guerra das Valsas» como um filme da categoria do saudoso «Congresso que dança». E isto é bom sinal!

*

Mantendo o nosso interesse de aumentar sempre as vantagens que a posse de «Movimento» traga aos nossos leitores e assinantes, aumentaremos já no próximo número a lista de cinemas em que os leitores de «Movimento» possam descontos nos preços das entradas.

Cumpre-nos apresentar desde já os nossos agradecimentos à Empresa do Cinema ODEON, de Lisboa que acaba de conceder-nos 50 % em todas as matinées, começando neste número a ser incluído o respectivo talão.

*

A primeira apresentação do filme de Cotinelli «A Canção de Lisboa» está marcada novamente para o fim do corrente mês, no São Luiz Cine, de Lisboa.

*

A censura alemã proibiu a exibição de «King-Kong» o filme R. K. O. que o mesmo São-João exibirá. Após, levantou-lhe a interdição. A loucura de Hitler será contagiosa?

*

Transcrevemos: *Em Hollywood existe um barco com o nome de «A viagem a nenhuma parte» e que nos passeia doze horas pelo alto mar, proporcionando-nos mulheres, vinho, jôgo, desportos e o mais que se deseje.*

Dá vontade de viajar no tal barco e desejar um chalet na Avenida Marechal Gomes da Costa, cinco ou seis contos mensais e um guarda republicano a cavalo, com penacho e tudo...

*

Vários pedidos nos têm sido feitos para o envio do nosso número 1. Não nos é possível fazer essa remessa porque esse número da nossa revista, cuja tiragem foi menor que a dos seguintes, se encontra exgotado. No entanto, aqueles que desejem recebê-lo queiram enviá-nos o seu nome e morada. Quando o número de pedidos o justifique faremos uma reedição.

*

O sr. J. A. da C. muito ilustre crítico de uma revista de cinema da nossa terra, escreve, a propósito de UMA RAPARIGA AO VOLANTE: «Kurt Gerron, aquele senhor que dirigiu ESTUPEFACIENTES que já não era grande filme, dá-nos agora mais uma realização sua, ainda bem mais peor.»

Agradecemos aos amadores de charadas que nos dissessem a que idioma pertence a frase *ainda bem mais peor* e o que significa.

*

Osep, o célebre metteur-en-scène de OS IRMÃOS KARAMAZOFF acaba de ser encarregado de transpôr para o écran ANA KARENINE o célebre romance de Léon Tolstói de que ha anos vimos a versão muda, louvado seja o Senhor, bastante disfarçada...

*

Ao contrário do que notícia um nosso camarada, o filme A BATALHA tirado do romance de Farrère com Boyer, Annabella e Inkinof nos principais papeis, continua caminhando de vento em pópa.

ESTEVE CÁ A BEATRIZ



«Movimento», revista de novos que nem são, nem querem ser jornalistas ou reporters na acepção que estas palavras tomaram a quem fronteiras, não entrevistou, nem tentou entrevistar Beatriz Costa. Apresentou-lhe os seus cumprimentos de pessoa bem educada, sem pressas nem atrasos, na hora que muito naturalmente lhe foi propicia para o fazer. Foi, no entanto «Movimento» a primeira revista portuense a publicar palavras actuais da Beatriz. Apesar de que não interessa a nenhum de nós ser o primeiro em coisa nenhuma. Esse lugar de chefe de fila, nem dá honra nem proveito.

AI FILHOS, O CHARLES BOYER.....

Fomos nós três abaixo assinados que recebemos a Beatriz Costa na hora da sua visita. Enchemos várias resmas de papel com as coisas engraçadas que nos disse. Mas agora, ao reunirmo-nos, não fomos capazes de acertar num começo que a todos agradasse. Qualquer coisa no género da «Guerra do Alecrim e da Mangerona».

Eu — disse o Guedes — com o auxílio do Alves Costa aqui do lado, achava que devia ser assim:

Truz! Truz!

A Beatriz entra. São 5 horas da tarde, 35 minutos normais e 1 definhadinho. Cá dentro estávamos nós. Agora ficamos nós, a Beatriz os seus olhos, o seu sorriso, a sua voz e os projectores do Chico Viana que se encontraram com a Beatriz no elevador, etc...

Eu — agora fala o Médicis — enquanto o Guedes e o Armando discutiam, escrevi isto: *Beatriz Costa veio à nossa casa uma destas tardes.*

— *Cá estou!* — foi a sua primeira frase, mãos estendidas mais para abraços que para cumprimentos cerimoniosos. Os leitores conhecem-na bastante, etc...

— Eu — fala agora o Armando — acho isso tudo muito ensossinho, louvado seja o Senhor!

Protestos veementes do Guedes e do Médicis.

Nesse caso, — propôs o ex-austero Vasco Rodrigues — comecem a «coisa» pelo meio.

Aclamação geral

E seja assim. Arrumemos a Beatriz no cantinho da redacção que está reservado à má-língua, e atiremo-nos à conversa como gato a bofes.

O GUEDES

Que pensa do Manuel de Oliveira?

A BEATRIZ

Um excelente rapaz, muito bonito.....

Com as «meninas da Tobis» não teve mãos a medir.....

O ARMANDO
com o ar mais sério deste mundo.

Só mãos?

A BEATRIZ
hesitante.

Sim..... Talvez..... Sim! Só mãos

O GUEDES

E deixou vítimas?

A BEATRIZ

Claro. Olhe: a Tereza Gomes, por exemplo, anda ferida de aza.....

O MÉDICIS

A propósito de galãs. E o Vasco?

A BEATRIZ
com um ar tam sério como o do Armando, há pouco.

Aqui o Sr. Rodrigues?

O NOSSO VASCO
saindo do seu ar mais solene.

Não, minha Senhora! O Santana!.....

A BEATRIZ

Ah! O Santana! Ora o Santana! Esse não se perde. Chamam-lhe por lá o «difamador de donzelas».....

O ARMANDO
comovidíssimo.

Coitadinhas!.....

A BEATRIZ

Era tudo boa gente. Todos tinham alcinha e ninguém se zangava. Olhem: O Manuel de Oliveira era o «travelling» porque não falava noutra coisa; o Vasco já eu lhês disse; o Cotinelli era o *realizador* do filme e de nós todos.

O GUEDES

Então pândega pegada?

A BEATRIZ

Uma das coisas de maior sucesso foi meia dúzia de meadas de lã que o Manuel nos deu. Andava tudo pelos cantos a fazer «tricot». As minhas eram verdes e amarelas. Mas fiz um «pull-over» bem bonito, apesar de passar os dias a dizer: «Ó Manuel tira daqui este lagarto!»

(O Médicis bateu três vezes em madeira)

O VASCO,
moralizador.

Vamos a coisas sérias, meninos. Como artista, qual dos seus camaradas

lhe pareceu melhor? Artista de cinema, é claro!

A BEATRIZ,
sem hesitações

Todos bons. Mas o António Silva.....

O MÉDICIS

Dos artistas estrangeiros, qual prefere?

A BEATRIZ,
com os olhinhos a saltar.

Ai filhos, o Charles Boyer! Se vocês fossem mulheres.....

(O Médicis tornou a bater três vezes em madeira e disse entre dentes: lagarto! lagarto! lagarto!)

A BEATRIZ,
com um tanço terrível.

Se vocês fossem mulheres haviam de me dizer o que sentiam ao ouvir a voz do Charles Boyer.

O ARMANDO,
com pés de lã.

E você que sente?

A BEATRIZ,
muito ingénua.

Não sei..... Sabe-me bem!

O GUEDES,
sem pés de lã.

Mas gosta do Charles Boyer como artista, ou como homem?

A BEATRIZ

As duas coisas. Como artista é o maior de todos. E como homem..... Ai, como homem! Se o Charles Boyer fizesse uma emissão, as acções do Baltazar baixavam com certeza.....

O MÉDICIS

Isso é segrêdo?

A BEATRIZ

Segrêdo, segrêdo não é. O que é preciso é que vocês arranjem as coisas de maneira que o Baltazar me não puxe as orelhas.

A conversa cai, por momentos. O Chico Viana entra em actividade. Fazem-se fotografias. O Armando brinca aos realizadores. O Guedes carrega o cachimbo. O Vasco, muito sério, muito circunspecto, olha e pensa. Em que pensaria o Vasco? Mistério! E, súbitamente

O ARMANDO

para reanimar a clorótica conversa.

E atrizes estrangeiras?
Qual lhe fala mais à fibra?

A BEATRIZ

À fibra, nenhuma. Mas
a Marlène é um caso sério!

*O Marlénico Médicis
canta um hino com
música do «Cochicho».*

O GUEDES,

para o Médicis.

Que linda voz de vamp
que tu tens!

O MÉDICIS,

descendo do êxtase.

Qual dos filmes da Mar-
lène mais lhe agrada?

A BEATRIZ

O «Expresso de Xangai».

O Guedes, fez uma figa...

O ARMANDO

*voltando à vaca fria, sem ofensa para o
Boyer.*

E do Charles Boyer?

A BEATRIZ

«Traição».

*Aclamações do Armando e do
Guedes. Silêncio prudente do
Vasco.*

O MÉDICIS,

animando-se.

Gosta dos desenhos ani-
mados?

A BEATRIZ

Muito. Aquele Micky,
aquela Betty Boop!

Quem me dera ser a
Betty Boop!

O GUEDES

Não queria mais nada?

O ARMANDO

Ó filho, compreendes. Se a Bea-
triz fôsse a Betty Boop fazia aí estragos
do diabo...

A BEATRIZ

Que bom, fazer estragos!

O MÉDICIS,

Perturbado das ideias, a todo o despropósito.

Qual a côr que prefere?

A BEATRIZ,

na defesa.

Êle morde?

O ARMANDO,

conciliador.

Não. Só arranha...

O MÉDICIS,

onomatopaico.

Qual a côr que prefere?

BEATRIZ,

resignada.

O azul.

O MÉDICIS,

radiante.

Ai o azul!

O VASCO,

aproveitando.

Que linda côr para camisas!

O GUEDES,

em à parte, para o Armando.

Isto que será?

O ARMANDO,

idem, para o Guedes.

Se calhar é loucura!.....

ARMANDO
ALEXANDRE
E L U I Z



AQUI ESTÃO FOTOS DE A GUERRA DAS VALSAS



A «Guerra das Valsas» é um filme que vocês vão ver brevemente no São-João.

Eis o seu argumento em duas palavras: Dois compositores de Viena, Joseph Lenner e Johann Strauss, cada um seguido do seu grupo de partidários fanáticos, estão em guerra aberta.

Lenner, antigo mestre de Strauss acusa-o de lhe ter roubado uma valsa.

E depois de mil e uma peripécias, mais ou menos agitadas e mais ou menos cômicas, entre as quais se destaca, pela sumptuosidade e pela beleza um baile na Córte Imperial, assina-se a paz, e tudo acaba em bem.

Este filme tem feito um sucesso monstro no estrangeiro.

Isto nada valeria para nós, defendendo como defendemos, a teoria inúmeras vezes comprovada de que o sucesso de um filme não representa, de modo nenhum, o seu valor.

Parece no entanto tratar-se de um sucesso absolutamente justo, conseguido certamente pela mise en scène luxuosíssima, pela brilhante distribuição dos papeis, pela música leve e alegre, por tudo, enfim.

Sobre este filme diz o nosso autorisadíssimo colega «Cinematografia Francesa» o seguinte:

«Eis uma produção brilhantíssima, realizada com grande luxo e que fará, estamos certos, uma forte impressão sobre todas as camadas de público. Este filme cuja acção se desenrola em Viena e Londres nos meados do século XIX possui todos os elementos necessários para um agrado certo: distribuição excelente, diálogos espirituosos, linda música e lindíssimas canções, cenários grandiosos, figuração abundante, enredo sentimental e assunto agradável. Nada mais se pode exigir a este filme, tam feliz como o «Congresso que dança» e que terá, com certeza, o mesmo sucesso».

Se repararmos que estas apreciações são feitas na secção de «Crítica» daquele nosso camarada, compreenderemos que nos vai ser apresentado, nesta época até à data tam pobrezinha, um filme de valor real e cujo sucesso será absolutamente merecido.

Sobre a técnica e interpretação de «A Guerra das Valsas» diz ainda a «Cinematografia Francesa»:

«Evidentemente este filme foi realizado com uma técnica que faz pensar no «Congresso que dança». A mise en scène é bela e sem senão. Os elementos técnicos são excelentes, e o entreccho é dirigido pela forma continental, um pouco lenta. Quanto à interpretação, Fernand Gravey (que os leitores já conhecem de «Eu de dia e tu de noite» por exemplo) desem-



penha o papel que lhe é confiado, de um modo simplesmente notável. Madeleine Ozeray desempenha com graça inexcédível e uma infinita finura o papel da rainha Victória. Jeanine Crispin demonstra-nos a sua personalidade. Pierre Mingand desempenha o papel de Strauss com o mesmo acerto com que Charpin desempenha o de Lenner. E os restantes papeis principais são desempenhados por Dranem que compõe um estupendo juiz, Arletty, Paul Olivier, cheio de graça como sempre, e François Roset no príncipe Alberto.

Aqui têm vocês o que é a «Guerra das Valsas» e o que pensa deste filme a imprensa estrangeira. De todos os nossos camaradas nós fomos escolher precisamente a opinião daquêle que menos suspeito é e que mais autorizado está, quer pela sua independência, quer pelo destacado lugar que ocupa na imprensa da especialidade, quer pelos nomes que subscrevem as suas páginas, para que seja tomado em consideração aquilo que afirma, sobre o maior ou menor valor de qualquer filme. Vocês depois nos dirão.



ARTUR DUARTE

Eu não vou biografar Artur Duarte, vou unicamente dar-vos algumas notas sobre a sua carreira cinematográfica. E digo *algumas*, porque seria absurdo querer indicar todas as passagens da longa actividade deste profissional do cinema numa só página do «Movimento». Para mais Artur Duarte não se limita a ser um actor, pois tem também, dentro do cinema, ocupado vários cargos técnicos.

No «Gado Bravo» aparece-nos como intérprete e assistente geral da produção, lugares que já desempenhou simultaneamente em diferentes películas quer nacionais quer estrangeiras. Mas, como é de calcular, o esforço presentemente dispendido é incomparavelmente superior em virtude de se tratar do primeiro filme duma empresa nova.

Saiu aos 18 anos do Conservatório de Lisboa com um primeiro prémio; desde então a sua vida foi uma batalha constante em que as vitórias se sucedem devido a uma inteligência notável, a uma cultura vasta, a uma perseverança de ferro e a um optimismo optimo.

Deixo em branco a sua passagem pelo teatro ao lado de Angela Pinto, Lucinda Simões, Ferreira da Silva, Chaby Pinheiro e tantos outros mais modernos, para me referir ao filme *A Morgadinha de Val Flor* em que Artur Duarte se estreou. Encarregaram-no dum pequeno papel que não existia na peça. Vimo-lo depois no *Primo Basílio*. Por esta época D. Virginia de Castro e Almeida, que há muito se encontrava no estrangeiro, veio a Portugal juntamente com o realizador Roger Lion com o intuito de produzir filmes que pela sua categoria tivessem a defesa garantida nos mercados de Portugal e França.

O acaso levou-os ao Teatro Nacional; representava-se um poema de D. Branca de Gonta Colaço. Ficaram entusiasmados com a maneira como Artur Duarte desempenhava o seu papel e... contrataram-no. Eis a razão porque nos aparece a fazer as principais figuras da *Sereia de Pedra* e dos *Olhos da Alma*. E aqui se estreou como assistente.

Entretanto, a Caldevilla-Filme entrega-lhe a figura de «Daniel» das *Pupilas do Senhor Reitor*. A seguir é ele próprio que realiza uma pequena farça publicitária intitulada *O Castelo de Chocolate*. Surge então o sonho dos vinte e poucos anos: Paris. Paris que aparece. Paris que domina. E com umas centenas de francos no bolso, com os promettimentos das cartas de Roger Lion na ideia e principalmente com a inabalável fé dos novos, Artur Duarte deixa-nos. Paris-de-Sonho passou a Paris-de-Realidade e os promettimentos, de realidade passaram a sonhos. Como não surgissem os contractos empregou-se numa agência distribuidora de filmes pertencente a um português. Era ele quem escolhia as películas que deviam ser adquiridas. Este contacto com a gente do celuloide facilitou-lhe a entrada na *Tournée Farigoul* de Marcel Manchez, no *Reveil* de Baroncelli e em muitos mais.

Depois rarearam novamente os contractos. Artur Duarte graças às suas faculdades de trabalho empregou-se novamente e, um dia, aconteceu-lhe este caso curioso. Ia na rua e teve a impressão de que alguém lhe bateu num ombro. Ao voltar-se não viu ninguém, mas chamou-lhe a atenção a taboleta duma casa produtora de filmes que ele desconhecia. Entrou e pediu para falar ao director. Apareceu-lhe uma senhora idosa que conhecera quando escolhia películas para a tal agência distribuidora. Conversaram e uma semana depois era contratado para ir trabalhar no «Navio de Cristal». Kate von Nagy era a protagonista e Constantin David o realizador deste filme que durou quatro meses e cujos interiores foram feitos em Berlim. O assistente adoeceu e Artur Duarte tomou conta deste cargo que desempenhou com extraordinária proficiência. Na noite da estreia teve chamadas especiais e no dia seguinte surgiram as propostas. Aceitou a da Ufa. Apareceu no *Estudante Bailarino*, no *Asfalto* e em tantos outros filmes de que não recordo os nomes.

Em *Scapa Flow* teve um papel importantíssimo que a censura inutilizou quasi completamente.

Com Dina Galla fez a *Menina endiabrada*. Depois entrou em vários filmes cortados pela censura como: *Colone X*, *Chaines*, uma produção de 1930 que esteve 14 meses no Rialto e *L'Opera a quatre sous* que era uma versão francesa de Pabst (1932). Durante o tempo que decorreu entre estas duas precedentes películas entrou na *Hora Negra*—filme feito em Praga—e em *Três dias entre a Vida e a Morte*. As últimas produções em que tomou parte foram: *Frauen von Heut* (Mulheres de hoje) e *Frühling* (Primavera), ambas faladas em alemão e dirigidas por Constantin David.

Tenho pena de não ter neste momento a meu lado Artur Duarte, para lhe perguntar a razão porque não entrou em nenhum dos filmes sonoros feitos em português. É uma coisa que me faz scismar.

A próxima produção do «Bloco» será destinada principalmente a Portugal e Brazil. Intitula-se *Os Mistérios de Lisboa*. António Lopes Ribeiro é o autor do argumento e vai ser o realizador. Isto tudo veio a propósito de Artur Duarte que vai desempenhar a principal figura masculina do filme.

t e l m o f e l g u e i r a s



Artur Duarte desempenha um papel de irmão de Nita no «Gado Bravo» e desempenhará o primeiro papel de «Os Mistérios de Lisboa» a próxima produção do bloco «H. da Costa».

Imagens do filme
«Cântico dos Cânticos»
que será exibido
no São-João.



CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Uma das grandes surpresas desta época cinematográfica será o novo filme de Marlène Dietrich «Cântico dos Cânticos». Marlène é hoje a mais falada artista de cinema e sobre ela mais do que sobre a sua arte muito se tem escrito. Todavia Marlène continua sendo a mulher-enigma como lhe chamam em Hollywood. Os seus amigos mais íntimos entre os quais se contam Sternberg, Chevalier, Aherne (o galã de Cântico dos Cânticos), Eleonor Mac Gary (a secretária de Sternberg) e Dorothy Pondell (o caracterizador de Marlène) não conseguem quebrar o enigmatismo dela. Conhecem-se os hábitos da artista: leitura de obras sérias; carinho pela sua filha Maria; preferência e admiração pelos assuntos fotográficos; pontualidade nas reuniões elegantes, etc, etc. — segundo afirmam os boletins das agências publicitárias hollywoodenses. Mas cada novo passo dado por Marlène Dietrich constitui sempre na vida e na arte uma surpresa quer para o público em geral, quer para as pessoas que com ela privam mais de perto.

O Pôrto vai, muito em breve, assistir à exibição de «Cântico dos Cânticos». A categoria da estrela — Marlène — e a alta categoria do realizador — Mamoulian — bem merecem da nossa parte algumas palavras de apreço, justas, sinceras e lias.

A primeira deu-nos provas inludíveis do seu talento em «Fatalidade», «Marrocos», «Venus Loira» e «Expresso de Xangai». O segundo, bastaria o travelling sonoro de «Ama-me esta noite» para o impôr como grande artista.

A próxima estreia de «Cântico dos Cânticos» deve ser esperada pelos amantes de

boa música, com justificado interesse. Vamos dizer porquê. Esta película tem uma qualidade: — Wagner, Bach, Tchaikowsky, Haydn e Schubert foram os nomes indicados pela secção de música da casa Paramount. Nessa ordem de ideias, ninguém contestará que o filme ganhasse, assim, muito mais em beleza. Mas nem só teremos a registar aqueles nomes. Dos compositores contemporâneos, seleccionaram-se as mais lindas e encantadoras valsas de John Strauss. E Frederich Hollander que já escrevera no Anjo Azul — como decerto se lembram — a canção «Volto outra vez a amar» (Falling in Love Again), é também o autor duma canção enquadrada agora em «Cântico dos Cânticos», a qual fôra já o grande sucesso de Marlène quando coupletista na Alemanha. Não sabiam?

O «Cântico dos Cânticos» — e oxalá os críticos atentem bem nisto — marca no fono-cinema um grande passo, o qual se torna necessário indicar desde já.

Vejamos: a música clássica tinha no tempo do cinema mudo a seu cargo valorisar a produção, acentuando o dramatismo das cenas. Assim Mozart, Chopin, Mendelssohn, participaram no acompanhamento de certas películas. Com o advento do cinema sonoro, as casas produtoras de Hollywood trilharam caminho diverso. Isto é, a música clássica foi relevada para um segundo plano, tendo a música popular vencido aquela na preferência dos realizadores e adotando-se como regra uma canção que servia de tema a toda a partitura.

Rouben Mamoulian realizando «Cântico dos Cânticos» quiz construir alguma coisa de novo e de grande, e repondo a música clássica como complemento interpretativo e emocional das cenas, deu a «Cântico dos Cânticos» um alto sentido artístico

Eis uma bela notícia para os diletantes, não acham?

alexandre de médis



CRÍTICA DE FILMES

Tentação de Pamplinas — Buster Keaton é actor de qualidades inegáveis. E embora se possa notar na sua «maneira» a influência de Charlot, ha no tipo que fixou e que tem aperfeiçoado dia a dia, suficiente criação pessoal e originalidade bastante para o colocarem, sem favor, entre os melhores artistas cómicos do écran.

Todavia, ou porque a preocupação de fazer muitos filmes por ano não permita cuidá-los convenientemente, ou porque Buster Keaton ainda não tivesse tido a sorte de se ver rodeado de bons cenaristas e de bons «gag-men», o certo é que os seus últimos filmes têm resultado obras mornas, de valor mediocre e de graça pobre.

Em *A Tentação de Pamplinas*, o argumento é quasi uma história a sério, apenas interceptada, aqui e além, por «gags» conhecidos, vulgares e, por consequência, de limitado efeito. De resto, o filme está mal conduzido. Os momentos mais engraçados acumulam-se no princípio, deixando, a breve trecho, o filme desamparado arrastar-se monotonamente até ao fim.

Um bom filme cómico é difícil de fazer. Exige grande dose de imaginação e de originalidade e requiere um cuidado muito especial na sua construção, de forma a provocar um «crescendo» continuo de «gags» precipitando-se para o final. Mas tudo isso precisa de tempo... Porisso, se não obrigassem Buster Keaton a fazer tantos filmes por ano, talvez esses filmes, aparecendo mais espaçadamente, viessem, ao contrário do que está acontecendo, mais cuidados e mais férteis em graça e novidade.

A Ilha das Almas Selvagens — Ao fazer-se a transposição duma obra literária para o cinema, eu admito todas as transformações que essa transposição exija, desde que o espirito da obra e a ideia do autor não sejam adulterados. Porque, na minha maneira de ver, não é uma «tradução à letra» o que se deve ter em vista, mas sim a simples «interpretação em imagens» dessa obra literária. Temos, para não citar outros, o exemplo de Pabst, com *4 de Infantaria*, com *Atlântida* e com *D. Quixote*, três obras em que toda a influência literária desapareceu, três obras, por consequência, puramente cinematográficas, mas nas quais persiste a ideia-base que as ge-

rou e se mantem intangível o espirito dos seus autores. Pode dizer-se que Pabst «pensou em imagens» essas obras literárias, executando-as em seguida na nova forma de expressão que é o cinema.

Ora, ao levar para a «tela» uma obra literária, tal como Pabst o fez, é preciso possuir-se, a par do indispensável talento criador, duas coisas não menos indispensáveis: honestidade moral e elevação de processos, que autorizem todas as transformações que essa adaptação exija. É essa honestidade moral e essa elevação que os americanos esquecem ou desprezam e que, mais uma vez, puzeram de lado ao tentar adaptar ao cinema «The Island of Doctor Moreau» de H. G. Wells.

Não contentes com a fértil imaginação desse curiosissimo conto, talvez por não sabermos aproveitar-se dela, colheram no livro de Wells apenas as linhas gerais, adicionaram-lhe diversos personagens que não estão ali para coisa nenhuma (a noiva do rapaz e o capitão que a leva à ilha, por exemplo), inventaram uma mulher-pantera — porque sem «sex-appeal» é que não podiam passar —, transformaram a história tanto quanto puderam e modificaram bastante, o que é mais grave, o carácter dos personagens. Da obra de Wells não ficou quasi nada. E assim, dum conto cheio de originalidade e interesse, assente sobre uma base científica curiosa, não conseguiram fazer muito mais do que um filme idiota. Mas mesmo assim, talvez porque o espirito prodigioso de Wells não tenha podido ser de todo derrubado, o filme mantem interesse e cria uma certa emoção.

As primeiras cenas do filme, passadas no mar, naqueles barcos envoltos em bruma, e logo depois a chegada à ilha e o primeiro encontro com os seus estranhos habitantes, são fragmentos excelentes. E ao ver correr estas primeiras imagens, tam cinematográficas, tam bonitas e criando tam bem o ambiente requerido, eu tive uma esperança: — talvez tenham feito um bom filme da «Ilha do Dr. Moreau». Mas a desilusão não tardou. Num repente o filme afasta-se do conto de Wells, despresando por completo, logo no início, um fragmento que se prestava admiravelmente à composição de meia dúzia de cenas de beleza impressionante e sinistra: refiro-me ao primeiro contacto do rapaz com os homens-bichos, durante uma ex-

cursão noturna pela ilha, enquanto Moreau e Montgomery dormiam. O realizador passou sobre isto, precipitando os acontecimentos, para explicar rapidamente os trabalhos do Dr. Moreau. Esta explicação é deficiente, o público percebe-a mal e a história perde muito daí por diante porque se torna demasiado inverosimil para o espectador que não pôde seguir os diálogos e que, portanto, compreendeu mal de que se tratava. (E não faltaram críticos ilustres — aliás pouco atentos — que supozeram que Moreau se limitava a fazer enxertos de glândulas, quando, afinal, as bases do seu trabalho eram delicadas operações cirúrgicas alterando a forma fisica dos animais (1), seguidas duma especial educação psicológica, pela qual conseguia não só fazer falar e «pensar» as suas vítimas, mas também modificar-lhes os instintos naturais sob a influência de novas sugestões, ajudado pela crescente ciência do hipnotismo).

Desde esta série de cenas em que Moreau dá explicações ao seu hóspede, o filme abandona definitivamente o conto de Wells. Os cenaristas e o realizador abriram portas à sua própria imaginação e acabaram por estragar tudo. A revolta dos homens-feras, súbita e inexplicavelmente possuidores duma perfeita consciência, o assalto à Casa da Dôr, o macabro esquartejamento do Dr. Moreau, a intervenção da mulher-pantera e a fuga de Montgomery, do rapaz e da noiva, são puras invenções dos adaptadores, apagando tudo quanto a inteligente originalidade de Wells soubera criar e descrever. Até os personagens foram feitos de novo!... Conserva-se apenas quasi intacta a curiosa figura do Dr. Moreau, magistralmente interpretada por esse actor prodigioso que é Charles Laughton. E no meio dos destroços do conto de Wells, é Charles Laughton o único valor perante o qual se ergue a nossa admiração.

Nesta adaptação mediocre, e de realização cinematográfica vulgar, desprezado e adulterado foi também esse fim admirável da «Ilha do Dr. Moreau» em que o rapaz, já depois de ter regressado a Londres (só, porque no livro não tem noiva que o vá buscar), não pode libertar-se da impressão horrível deixada pela convivência com os monstros do Dr. Moreau. E atormentado por um pesadelo constante, ele

(1) Tal qual como faziam os «compra-chicos» de que fala Victor Hugo no «Homem que Ri».

vê em cada homem com quem cruza na rua um ser que não acredita seja verdadeiramente humano...: «...and ever it seemed that I, too, was not a reasonable creature but only an animal tormented with some strange disorder in its brain...».

A Parada dos Monstros — Um filme de simples especulação. A notar, apenas, numa realização vulgar, uma cena verdadeiramente impressionante: o avanço rastejante dos monstros, sob as carroças, naquela noite de temporal violento. Todavia, se quisermos ver para além do que nos diz o argumento, podemos apontar este facto: são os entes normais, pela preversidade dos seus instintos e pelos seus maus sentimentos, os verdadeiros monstros. E são os monstros criaturas bem humanas, amando e sofrendo como entes normais. Por trás de toda aquela história que nos contam, é isto o que o filme, vagamente, nos mostra sem querer. Mas não foi essa, infelizmente, a intenção que o guiou.

Amor à primeira vista — Um filme insípido, de construção teatral, sem qualidades que o recomendem. Carl Froelich, realizando esta obra híbrida e sem valor, parece ter-se esquecido — o que é lamentável — de que o cinema é uma forma de expressão original, possuindo uma «linguagem» própria, rica e variada...

É possível que certo público tenha gostado do filme por lhe proporcionar um espectáculo lírico. É natural e eu acho muito bem... mas no cinema, tenham paciência, quero ver Cinema.

Vingança Diabólica — A história não é nova, não passa duma variante do clássico triângulo: ele, ela e o outro. Mas desta vez mudaram os habituais lugares da acção. Os palcos, os «dancings» e as alcovas foram substituídos por um jardim zoológico e o drama desenrola-se num enquadramento que lhe sublinha os lances emocionantes. Daí advem um maior interesse pelo enredo, realizado sem pretensões, com acerto, mas sem nada de novo nem de excepcional. Um filme de segunda categoria, com fotografia bonita em algumas cenas e uma interpretação cuidada.

a l v e s c o s t a



As colheitas dão lugar a descantes
que o «Gado Bravo» nos mostra,
com verdade e rigor.



Nita e Raul casam-se... A brincar
ou a serio? Feliz Raul!

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Allô! Allô! eleitores de Beatriz Costa! Todos aqueles de vocês que ainda não nos mandaram o seu verdadeiro nome e a direcção, queiram faze-lo sem perda de tempo para serem registados desde já como assinantes de «Movimento», ou para que as suas assinaturas sejam prolongadas no caso de já serem assinantes.

E para evitar retardatários previno-vos que têm o prazo de cinco dias, a contar da data da publicação deste número, passado o qual os meus amigos perderão os seus direitos.

Entendido? Então não venham depois fazer reclamações, que perdem tempo...

EXPEDIENTE

NOÉMIA — A sua assinatura ficou prolongada até ao número 13 inclusivé, visto que já por duas vezes nos mandou um escudo a mais. Obrigado. Visto que já regressou da praia, espero agora uma carta sua, muito grande, contando-me imensas coisas.

AUGUSTO FERRAZ — Tenha calma. Já estamos a pensar na festa. Não será como de principio anunciamos, mas vocês nada perderão com isso. Transmíti ao A. Casais Monteiro os seus parabens e êle pede-me que lhe agradeça. Não tencionamos publicar argumentos de filmes... porque não nos falta com que encher a revista... Obrigado pelos seus votos de progressos.

EMEL — Tenho muitissimo prazer em o conhecer e muito mais prazer terei se o meu amigo continuar a freqüentar a minha secção. Está enganado. Nem tive bocejos nem a sua carta foi para o cesto dos papeis velhos. Todas as cartas que recebo ficam arquivadas. A artista que você não reconheceu é a Olly Gebauer. Obrigado pelas suas palavras de simpatia pelo «Movimento». Olhe, mostre a revista aos seus amigos e veja se arranja assinantes. Então é que você era amigo!...

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS — Era mais fácil cair a Torre dos Clérigos do que passar um número sem uma carta sua!... Quere um conselho? Não leia essas revistas de que fala. Não lucra nada com isso. Você desculpe mas eu acho que o «Olimpia» está melhor, assim arranjadinho. Lá dei ao Luis Guedes o recado. Mas nem era preciso, como você verá neste número. Não posso fazer considerações sobre os filmes da «Tobis» e do «Bloco», antes de os vêr. Espero-os com igual interêsse.

E. DIONYSIUS — Ó minha simpática leitora, a sua última carta é uma charada, mas daquelas em que a solução não vem no próximo número... Primeiro fiquei sem saber se a sua carta era para mim se para o Vieira Pinto. Vem endereçada a êle mas dirigida a mim... Valha-me Deus! Toda a sua carta é uma complicação dos demónios, demais a mais porque tem, ao que presumo, qualquer ligação com uma troca de correspondência que você teve com um dos camaradas. O melhor é você ter a amabilidade de me escrever outra carta, mas sem referências misteriosas...

PRÍNCIPE DE PIKFAIR — Não se zangue amigo, aquilo foi a brincar consigo. Para não estar a gastar muito espaço é melhor você mandar uma carta à leitora que se refere, pedindo-lhe troca de correspondência. Eu transmitirei imediatamente. Tenho aqui a direcção dela. Transmitirei a outra carta logo que saiba a morada de Mlle. Insensível. Vá, agora não fique amuado. Volte a aparecer.

UM CINÉFILO VERDADEIRO — Acertas as suas considerações sobre a «Tobis» e o «Bloco». A direcção de H. da Costa é Avenida da Liberdade, 245 Lisboa. Até breve.

REI DA CINELÂNDIA — O reis já não se usam. Agora é tudo ditadpores... mais ou menos em camisa. O número 1 está completamente esgotado. Tam cedo não pensamos em fazer uma segunda edição. Direi no «Apartado n.º 13» que você procura êsse número. Pode ser que apareça alguém a vender-lho.

ELISSEN V — Não sei se o filme a que se refere será exibido em Portugal. Annabella môra em 19, rue Chanzy, La Varenne S. Hilaire (Seine), França. Escreva-lhe em francês. Na minha opinião o melhor filme da época finda foi «Raparigas de Uniforme».

DR. KAMELLOYDE — Se Você é assinante do «Movimento», deve ser um excelente rapaz... Sim senhor, faça favor de dispôr desta estação que está totalmente a seu serviço. Também reparei na cara da Greta Garbo, mas quem vê caras não vê corações, meu amigo... Essa rapariga que ilustrava o artigo «Reparem»... é só para reparar... e olhe que tem em quê.

O PRÍNCIPE NEGRO — O Alves Costa também ficou desolado por a Lilian Harvey perder. Olhe que atê ficou de cama!... Eu não me ralo. Já agora vou pelos produtos nacionais. Sim senhor, damos tôdas as assinaturas que prometemos. Fica-nos cara a brincadeira, nós sabemos, mas contamos com a publicidade que isso nos faz. Pode garantir aos seus amigos que o «Movimento» não corre perigo. E que venham para cá sem medo. De mais a mais quanto maior fôr o número de assinantes que tivermos, mais firmes estamos. Escreva a Nita Brandão para o Bloco H. da Costa, Av. da Liberdade, 245, Lisboa. Não tenha medo de escrever cartas grandes. Leio-as sempre com prazer.

APARTADO N.º 13

Mlle INSENSÍVEL — Tem aqui uma carta do Príncipe de Pickfair. Mande-me a sua direcção.

REI DA CINELÂNDIA — Deseja comprar o n.º 1 de «Movimento».

O PRÍNCIPE NEGRO — Deseja trocar correspondência com Noémia, Mlle Insensível, Maria Clara e alguns dos eleitores de Beatriz Costa.

AMOK.

R Á D I O

Vários leitores de «Movimento» nos têm escrito pedindo informes sobre esta nossa secção. Ultimamente, sobretudo, vários desejavam saber se a afirmação de se terem esgotado os stocks da «Casa Forte» em receptores radio-telefónicos CROSLEY é apenas réclame ou é uma afirmação verdadeira.

No sentido de responder a esses nossos curiosos leitores procuramos um dos gerentes daquela conhecida casa, com sede na Rua Sá da Bandeira, 281 e sucursal na Rua Santa Catarina, 20.

— Não tem a «Casa Forte», de facto, aparelhos em stock?

— Não. Na realidade todos os modelos que tínhamos em stock foram vendidos e há já perto de 15 dias que não estamos habilitados a fazer demonstrações ou mesmo a atender os pedidos eventuais da nossa clientela.

— Evidentemente trata-se de uma situação meramente transitória....

— Pois claro. Tomamos já as necessárias providências para que esta situação não se repita. Temos actualmente na fábrica CROSLEY, encomendas feitas de modo a permitirem-nos o recebimento mensal de uma quantidade tal de aparelhos que nos mantenha permanentemente em condições de atender imediatamente todos os pedidos dos nossos clientes, dentro do território em que somos distribuidores. Neste momento temos a despesa na Alfandega uma grande remessa de receptores CROSLEY.

— Grande?

— Um total de 150 aparelhos de vários tipos.

— Vai ser fastidioso, mas tenha paciência. Diga-nos alguma coisa sobre esses tipos.

— Com muito gosto. Olhe: vem aparelhos do modelo TRAVETTE, receptor super-heterodino de características absolutamente novas, como verá. Ondas curtas e médias; funcionamento com corrente alterna e contínua de 110 ou 220 voltios; quadrante iluminado; tomada para alto-falante extra, etc....

— Quantas lâmpadas tem?

— Cinco das mais modernas. E apesar disso é tam pequeno que traz no seu equipamento uma malazinha de camurça destinada a embalar-lo para ser transportado de um local para outro. Calcule que não é maior que uma máquina fotográfica.

— Que preço tem?

— Mil e duzentos escudos. Mas há mais. Nesta remessa receberemos também aparelhos do modelo FIVER D, montados num móvel finissimo de estilo gótico, e cujas características são: 5 modernas lâmpadas de 2,5 voltios, equivalentes, na prática, a 7 lâmpadas vulgares; alto-falante dinâmico de grande modelo; ligação para «pick-up»; captação de ondas curtas e médias.

— E o preço?

— Mil e quinhentos escudos. Receberemos ainda aparelhos do modelo SEPTET D montados num móvel de modernissimo estilo, equipado com 7 lâmpadas de 2,5 voltios, o que equivale, na prática a 10 lâmpadas; servindo para ondas médias e curtas; possuindo controle automático de som, controle de tonalidade, compensador de «fading» e ligação para «pick-up». Vai surpreende-lo o custo deste aparelho, pois apesar de ser um receptor de alta qualidade custará apenas dois mil e quatrocentos escudos. Previna no entanto os leitores de «Movimento» de que contamos ainda poder baixar este preço.

— Vem mais algum modelo?

— Receberemos um, modernissimo — o EUROPEU. É um receptor que a «The Crosley Radio Corporation estudou propositadamente para a Europa, como o seu nome o indica.

— Mas este aparelho é construído dentro do sistema europeu?

— É. E basta mostrar-lhe um período de uma carta da nossa representada para responder claramente à sua pergunta. «Nos laboratórios da fábrica foram experimentados os melhores modelos das principais marcas europeias e nenhum aparelho acompanhou com o novo modelo EUROPEU, quer em selectividade, quer em distância ou qualidade de som.»

— Para que comprimento de onda é este receptor?

— Este receptor é para ondas de 200 a 2.000 metros, sendo equipado com um transformador universal, o que lhe permite trabalhar com correntes de qualquer voltagem desde 110 a 250 voltios. É um receptor de 7 lâmpadas possuindo ligação para «pick-up» e todos os modernos aperfeiçoamentos da CROSLEY.

Para terminar resta-nos dizer que todos estes modelos que ainda esta semana serão postos à venda são modelos para 1934, representando portanto aquilo que de mais moderno pode ser apresentado ao público amador de rádio-telefonía.

META

Sabe V. Ex.^a o que significa esta palavra?

Não sabe? Pois devia saber. META é o nome de um combustível sólido, destinado a substituir o álcool.

META é apresentado ao público em caixas de pequenas pastilhas, sendo o seu transporte comodo e fácil, o seu emprêgo prático e simples, o seu custo módico.

Peça-o V. Ex.^a no seu fornecedor de novidades e utilidades. Experimente. Nunca mais deixará de usar

META

Distribuidores Gerais para Portugal e Colónias

MARIO PINTO DE AZEVEDO

Rua da Fábrica, 55 — PORTO

AGENTES NO PORTO

ARMANDO & ARMANDO

(SECÇÃO C)

Rua Elísio de Melo, 28 — Sala 4

Para qualquer publicidade no São-João Cine

Dirigir-se aos Concessionários Exclusivos:

ARMANDO & ARMANDO

RUA ELISIO DE MELO, 28 — SALA 4 — PORTO

<p>TEATRO AVEIRENSE</p> <p>AVEIRO</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 5 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>	<p>TEATRO AVEIRENSE</p> <p>AVEIRO</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 12 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>	<p>TEATRO AVENIDA</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 5 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>	<p>TEATRO AVENIDA</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 12 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>	<p>TIVOLI</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 12 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>
<p>TIVOLI</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 % NA MATINÉE DE 5 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p>	<p>SÃO JOÃO</p> <p>PORTO</p> <p>50 % NA MATINÉE DE 2 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p> <p>2 ENTRADAS</p>	<p>SÃO JOÃO</p> <p>PORTO</p> <p>50 % NA MATINÉE DE 9 DE NOVEMBRO — DE 1933 —</p> <p>2 ENTRADAS</p>	<p>9</p> <p>Movimento</p>	<p>ODEON</p> <p>LISBOA</p> <p>50 % EM QUALQUER MATINÉE</p>

movimento

número 9

quinzenário cinematográfico

1 de Novembro

1 9 3 3

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manuel, 27
p ô r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

êste número foi visado pela comissão de censura

O nosso número especial
de ANO NOVO será a côres,
terá 52 páginas e 100 prémios.

Mas fique sabendo desde já:

Se é assinante recebe-lo-à
pelo mesmo preço dos
números ordinários.

Se costuma comprar
avulso, inscreva-se na taba-
caria de onde é freguez.

O número especial de ANO NOVO será apenas fornecido por inscrição.

EDITORIAL MOVIMENTO



PRIMEIRO CADERNO DE ELUCIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA

SAIRÁ A **30**
DE NOVENBRO
